

A PAZ É UMA LUTA

N.
13/4/84

serviço especial da AIM

O Acordo de Nkomati encerra um ciclo de 20 anos de agressões militares a Moçambique e cria as condições para uma paz duradoira dentro das fronteiras do país após a eliminação completa dos bandidos armados. Mas, por outro lado, o Acordo desencadeia várias outras áreas de luta.

Uma dessas áreas, talvez a principal, é a dos investimentos estrangeiros. Devido à situação de guerra que Moçambique teve que enfrentar, muitas instituições financeiras, grupos económicos, multinacionais e Estados, suspenderam os seus investimentos em Moçambique. Esses investimentos virão agora e aumentarão à medida que formos eliminando os bandidos armados em todo o território nacional.

A primeira verdade dos últimos nove anos é a de que o imperialismo não conseguiu destruir o socialismo em Moçambique pela via militar. A segunda verdade é a de que vai tentar fazê-lo pela via económica. É lógico, é normal, porque a sua natureza é a dominação, é levar os minérios e deixar os buracos, é levar os lucros das empresas industriais e deixar atrás de si, o mesmo nível de ignorância que existia antes de as empresas serem criadas, a sua prática é formar alguns técnicos para depois os levar a abandonar o país, onde foram feitos os investimentos, é acumular capitais e deixar atrás de si pequenas burguesias e governos absolutamente corrompidos pelas migalhas do banquete neocolonial.

Nesta luta, caberá a Moçambique evitar a dominação, elevando constantemente o nível de conhecimentos dos seus técnicos, encontrar sempre novas e melhores fontes de matérias-primas dentro do seu território, aprender a dominar a passagem da extracção de matérias-primas a sua transformação industrial, combater a corrupção. E, mais uma vez, os moçambicanos aplicarão aquilo que já é herança de vinte anos de luta: Analisar cada sucesso e cada falhanço com cuidado em vez de se tomar a atitude medíocre de limitar a acção a acusações gerais ao imperialismo.

Há vinte anos, quando meia dúzia de moçambicanos decidiu pegar em armas para lutar contra o colonialismo português, estava a interpretar correctamente, no sentido histórico, o desejo mais profundo de todo um povo. Mas muito poucos acreditaram neles, desde analistas e Chefes de Estado. O importante é que eles acreditavam em si próprios e na vontade de luta do povo. Essa confiança em si próprios já era o primeiro sinal de descolonização imposta a partir de dentro, passo a passo, área a área, descolonização da terra e das mentes dos homens.

Hoje, de novo, muita gente estremece perante os investimentos estrangeiros. Alguns, mesmo, entram em pânico. Partem para o confronto com um sentimento de derrota, com uma sobrestimação aguda das forças do capital e com uma subestimação também aguda das capacidades do Povo moçambicano e das instituições e homens que dirigem o país.

Há vinte anos, essa meia dúzia de moçambicanos não tinha um plano exacto de como lutar nos meses e anos que se seguiriam. Foram aprendendo a lutar, lutando, mas sempre com base num sentimento de auto-confiança e com base num objectivo estratégico claro: Independência total e completa.

Também hoje não existe um mapa detalhado do futuro. Mas também hoje há um objectivo estratégico claro: a independência económica de Moçambique. E hoje, tal como há vinte anos, há a consciência plena das forças do inimigo e há igualmente os simplistas, os aventureiristas e demagogos que pensam que a vitória é coisa rápida.

Uma vez mais, o fundamental é ter consciência dos objectivos da luta e ter confiança nos moçambicanos, partir para a luta com um sentimento de que a vitória é possível.

A independência económica do país, significa estabelecer a igualdade no plano da indústria, da agricultura avançada, da tecnologia, significa a crescente participação dos moçambicanos no desenvolvimento científico da Humanidade.

Uma vez mais se dirá: «Vocês estão a sonhar».

E é, na verdade, um sonho. Mas é um sonho à dimensão exacta da confiança que temos em materializar esse sonho, tal como Mondlane materializou o seu sonho seis anos após a sua morte.

Não acreditar que isso é possível, é o mesmo que passarmos a ser nós os reprodutores da ideia racista de que os povos africanos não conseguem viver de outra maneira que não seja de mão estendida à caridade mundial.

Dado o estado de atraso económico e tecnológico em que nos encontramos, esta é, sem dúvida, a luta mais prolongada que os moçambicanos lançaram até hoje. Defender o socialismo em Moçambique, perante as investidas do capital não vai ser fácil. Mas, ou enfrentamos o inimigo neste campo e aprendemos a manejar as armas de libertação económica — tal como os guerrilheiros aprenderam a manejar as armas militares da libertação nacional —, ou ficaremos para sempre amarrados à miséria, ao atraso, à mediocridade como povo e como Nação.

Os que dizem que não podemos vencer esta luta são os que, no fundo, temem o aparecimento de mais um povo a discutir, em pé de igualdade, o futuro da Humanidade, são os que receiam a democracia efectiva entre as nações. E temem isso porque isso lhes tira poder. Não se esqueça nunca que o complexo de pequenez é distribuído, em doses maciças, por todos aqueles que fazem da nossa miséria, sua fonte de riqueza.

Há vinte anos, os primeiros guerrilheiros trouxeram milhares de soldados portugueses para Cabo Delgado e Niassa. Disseram-lhes: «Venham até cá, queremos conhecer-vos». E então lutaram com as armas específicas dessa luta, a emboscada, a produção, a alfabetização, e a política de clemência que dividiu profundamente o inimigo, fazendo de parte dele nosso amigo.

Hoje dizemos aos capitais estrangeiros: «Venham até cá». E teremos de lutar com as armas específicas desta luta: a defesa do interesse nacional em cada contrato, a formação profissional, a qualidade da produção, o estudo, a utilização dos restantes países socialistas como rectaguarda segura, é muitas outras armas que iremos aprendendo a manejar à medida que formos lutando.

Esta é a dimensão mais vasta que encerra o Acordo de Nkomati, a sua dimensão estratégica. Não entender isto é ter uma visão meramente táctica do Acordo, é não ver neste século que termina daqui a uns anos, o século que principia.

Esta luta económica será ainda a área principal da batalha de Moçambique nas primeiras décadas do Século XXI. Mas para que ela se pudesse iniciar como plataforma principal do confronto foi preciso primeiro fechar o ciclo da agressão militar ao país.

Por tudo isto, esta paz que estamos a construir é uma luta.

E se bem que nesta luta haverá o dia pós-banditismo em que as nossas armas estarão caladas, elas terão que estar atentas porque esta fase do desenvolvimento humano é ainda a da guerra em muitas regiões, e da defesa da paz em muitas outras. Relaxar a defesa desta paz é abandonar tudo.

Mas a defesa da paz já é uma forma superior de vida em relação a guerra. E é, ao mesmo tempo, a antecâmara da paz sem necessidade de armas a defendê-la, o prenúncio desse mundo maravilhoso dos filhos dos filhos dos nossos netos.